



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

**AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE AS MULHERES EM *O CONTO DA AIA* DE
MARGARET ATWOOD**

MACAPÁ

2019

NAIARA TELES DE LEMOS

**AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE AS MULHERES EM *O CONTO DA AIA* DE
MARGARET ATWOOD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês do Departamento de Letras/Artes/Teatro/Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (DEPLA/UNIFAP) como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras com habilitação em língua portuguesa e inglesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Pimenta Attie

MACAPÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá Elaborado
por Cristina Fernandes - CRB2/1569

Lemos, Naiara Teles de.

As relações de poder entre as mulheres em *O conto da Aia* de Margaret Atwood / Naiara Teles de Lemos ; Orientadora, Juliana Pimenta Attie. – Macapá, 2019.

38 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Letras.

1. Margaret Atwood. 2. *Conto da Aia*. 3. Relações de poder. I. Attie, Juliana Pimenta, orientadora. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. IV. Título.

306.44 L558r

CDD. 22 ed.

NAIARA TELES DE LEMOS

AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE AS MULHERES EM *O CONTO DA AIA DE MARGARET ATWOOD*

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Juliana Pimenta Attie
Departamento de Letras e Artes – UNIFAP
ORIENTADORA

Professora Dra. Fernanda Cristina da Encarnação
dos Santos
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
português – UNIFAP/Campus Santana
AVALIADORA

Professora Dra. Natali Fabiana Costa e Silva
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
português – UNIFAP/Campus Santana
AVALIADORA

Macapá, 24 de junho de 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, por estar ao meu lado sempre e me sustentar nos momentos mais difíceis quando eu pensei que não podia mais.

À minha família, a meu pai José Augusto Moreira de Lemos e, principalmente à minha mãe, Rosália Maciel Teles, por toda abnegação e esforço que empreendeu para que eu pudesse realizar todos os meus objetivos. À Jolie, a melhor amiga que já tive na vida, cuja perda ainda me causa dor. Aos meus amigos de caminhada espírita que sempre me incentivaram a estudar e crescer intelectualmente.

À minha amiga Cássia de Souza Ferreira, pela paciência e companheirismo nesses anos de graduação. À minha turma 2015.1 de Letras português/inglês com quem construí muitos conhecimentos.

À professora Regina Lúcia da Silva Nascimento que despertou em mim o amor pela literatura. E especialmente, à minha orientadora professora Juliana Pimenta Attie, pela inesgotável paciência, atenção e confiança em mim depositados.

RESUMO

The Handmaid's tale traduzido para o português como *O conto da Aia* é uma distopia publicada pela primeira vez em 1985 pela escritora canadense Margaret Atwood. O romance ficcionaliza, entre outros assuntos, as relações de poder em Gilead, uma nação teocrática e totalitária, que no passado fora os Estados Unidos da América e onde os direitos mais básicos das mulheres foram abolidos. A narrativa problematiza ainda as relações de poder entre as mulheres, mostrando que o sistema opressor e patriarcal de Gilead não as afeta da mesma forma. Essas relações são narradas pela personagem principal, a Aia Offred, cuja tela mental serve de pano de fundo para a narrativa. Assim para compreender o trabalho mental de Offred e entender o resultado das relações de poder que permeiam essa sociedade em sua psique, emprenderemos um estudo sobre as técnicas do fluxo da consciência (HUMPHREY, 1976). Em seguida, apresentaremos discussões sobre o funcionamento das relações de poder (FOUCAULT, 1976, 1979, 1985; MILLETT, 2000) e os conceitos de lugar de fala (RIBEIRO, 2017; SPIVAK, 2010) como assuntos correlatos a essas discussões e necessários para a compreensão das diferenças sociais entre as mulheres. Nesse sentido, também proporemos reflexões sobre a diferença nas posições sociais ocupadas pelas mulheres (LAURETIS, 1994) e como essas posições originam diferentes processos de subalternização feminina (SPIVAK, 2010). Tendo em vista essa diferença de condições sociais que se configura em privilégios e desvantagens, apresentaremos discussões sobre as relações de poder entre as mulheres (BIROLI, 2018). Tendo como base essas discussões teóricas, faremos uma análise das relações de poder que permeiam a narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Margaret Atwood; O conto da Aia; Relações de poder.

ABSTRACT

The Handmaid's tale, translated to portuguese as *O conto da Aia*, is a dystopia published for the first time in 1985 by the Canadian writer Margaret Atwood. The novel fictionalizes, among other issues, the power relations in Gilead, a theocratic and totalitarian nation, which in the past had been the United States of America and where the most basic rights of women were abolished. The narrative also portrays the power relations among women, showing that Gilead's oppressive and patriarchal system does not affect them in the same way. These relationships are narrated by the main character, the handmaid Offred, whose mental screen serves as the background for the narrative. Thus, to understand Offred's mental work and how the power relations that permeate that society affect her psyche, we will undertake a study on the techniques of the stream of consciousness (HUMPHREY, 1976). Then, we will present discussions about the functioning of power relations (FOUCAULT, 1976, 1979, 1985; MILLETT, 2000) and the concepts of place of speech (RIBEIRO, 2017; SPIVAK, 2010) as issues related to these discussions and necessary for the understanding of differences among women. In this sense, we also propose reflections on the difference in the social positions occupied by women (LAURETIS, 1994) and how these positions originate different processes of female subalternization (SPIVAK, 2010). Given this difference of social conditions that is configured in privileges and disadvantages, we will present discussions about the power relations among women (BIROLI, 2018). Based on these theoretical discussions we will make an analysis of the power relations that permeate the narrative.

KEYWORDS: Margaret Atwood; The Handmaid's tale; Power relations;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: ESTRATÉGIAS NARRATIVAS PARA A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA	11
CAPÍTULO 2: A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS POR MEIO DAS RELAÇÕES DE PODER	16
2.1 As relações de poder em Gilead	19
CAPÍTULO 3: A NÃO-HOMOGENEIZAÇÃO DA SUBALTERNIZAÇÃO FEMININA	26
3.1 As relações de poder entre as mulheres em Gilead	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

As problemáticas relacionadas às mulheres têm sido representadas na literatura de formas diversas, principalmente na literatura de autoria feminina. A autora canadense Margaret Atwood aborda em seus romances temáticas políticas como a condição social da mulher, as configurações e divisões de gêneros e a construção identitária do feminino. Esses temas estão presentes em um dos seus romances mais conhecidos, *The Handmaid's tale*, publicado em 1985, que traz também, a temática do feminismo, pois suscita a reflexão sobre os direitos das mulheres e permite o questionamento de até que ponto esses direitos têm sido cerceados na sociedade.

A escritora nasceu em Ottawa, capital do Canadá, em 18 de novembro de 1939. cursou o programa de Língua e Literatura inglesa no *Victoria College* na Universidade de Toronto, em 1957; fez mestrado em Literatura Inglesa no *Radcliffe College* na Universidade de *Harvard*. Iniciou sua carreira literária em 1961, com uma pequena coleção de poemas, *Double Persephone*; em 1966 publicou seu primeiro romance, *The Edible Woman*. Desde então, a escritora já produziu mais de quarenta obras, entre contos, livros infantis, ensaios e críticas literárias; é também conhecida por seu interesse em causas políticas, como a anistia internacional e a União dos escritores canadenses (STAINES, 2006).

The Handmaid's tale, traduzido para o português como *O conto da Aia*, trata-se de um romance distópico. Carlos Eduardo Ornelas Berriel (2005, p. n.p.) afirma que “a distopia nasceu da utopia, e que ambas expressões são estreitamente ligadas”. Assim, o autor elucida que as utopias surgem a partir de dois princípios: a partir de uma experiência histórica, como metáfora ou a partir de uma ideia, de uma construção abstrata. A distopia é primordialmente oriunda do segundo princípio. Nesse sentido, Leomir Cardoso Hilário (2013, p.205) esclarece que, “etimologicamente, distopia é palavra formada pelo prefixo *dis* (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais *topos* (lugar). Num sentido literal, significa forma distorcida de um lugar”. Ainda segundo o referido autor, “a narrativa distópica busca chamar nossa atenção para as relações heterônomas entre subjetividade, sociedade, cultura e poder” (HILÁRIO, 2013, p.203).

Na década de 1980 (década em que o referido romance foi publicado) nos EUA – local onde se passa a narrativa – destacam-se acontecimentos importantes no cenário mundial que influenciaram o país como: a Guerra Fria (1947-1991); a eleição do presidente republicano Ronald Reagan (EUA) e Margaret Thatcher (Inglaterra), demonstrando a volta do conservadorismo na política, na economia e conseqüentemente na cultura; há um retorno

também do extremismo religioso com a formação de grupos religiosos conservadores, como por exemplo, o *Moral Majority*, um grupo relacionado ao Partido Republicano, criado em 1980 pelo pastor batista Jerry Falwell. Essa onda conservadora veio para minar os avanços feitos pelo movimento feminista, por exemplo, nas décadas de 60/70.

O romance analisado neste trabalho ficcionaliza problemáticas relacionadas a esse contexto sócio histórico. Desse modo, a referida obra é narrada em primeira pessoa pela personagem principal, a aia Offred, cujo útero está sob a tutela do Estado. Offred apresenta na narrativa relatos de sua vida em Gilead, nação que no passado fora os Estados Unidos da América, onde se instituiu um governo totalitário e teocrático que aboliu os direitos mais básicos das mulheres. Trata-se de uma sociedade cuja organização se assemelha ora a um sistema de castas, pela inexistência de mobilidade vertical, ora a um sistema por estamentos, pelo fato de a distribuição de poder estar relacionada ao status de cada grupo¹.

O romance é narrado de forma não linear, ou seja, os acontecimentos do passado e do presente se misturam. O pano de fundo da narrativa é a consciência de Offred, que, além de narrar os acontecimentos, expõe as sensações e interpretações que experimentou enquanto os vivenciava. Além disso, em vários momentos da narrativa, em paralelo aos relatos, a personagem também traz à tona fatos vivenciados antes de se tornar uma aia. Nesse processo, ela faz associações de ideias entre os fatos narrados e os lembrados, é como se a consciência de Offred estivesse exposta ao leitor.

O trabalho mental de Offred é representado na narrativa por meio de um conjunto de técnicas narrativas nomeado por Robert Humphrey como técnicas do fluxo da consciência, as quais serão estudadas detalhadamente no capítulo um, “Estratégias Narrativas para a representação do trabalho da memória”. O estudo dessas técnicas é de suma importância para esta pesquisa, pois elas se configuram como o instrumento que nos permitirá chegar ao objeto de nossa análise.

Tendo em vista a configuração social de Gilead, as pessoas ocupam nessa sociedade posições diferentes, tanto na relação entre homens e mulheres, quanto entre as próprias mulheres. Assim, algumas mulheres possuem mais privilégios que outras; o que gera um ambiente de rivalidade, opressão e vigilância entre elas. No entanto, todas elas, independente da posição que ocupam, estão submetidas ao sistema patriarcal de Gilead. Nesse sentido, esse sistema dá origem a relações de poder, não apenas no sentido do Estado em relação às mulheres, mas também das mulheres para com outras mulheres.

¹ Os conceitos de casta e estamento aqui adotados estão fundamentados, respectivamente, nos estudos de Karl Marx e Max Weber, a partir das considerações feitas por Sedi Hirano (1975).

Assim posto, empreenderemos no capítulo dois, “A constituição dos sujeitos por meio das relações de poder”, um estudo sobre relações de poder a partir de reflexões teóricas desenvolvidas por Michel Foucault. Com a necessidade de compreender as especificidades dessas relações tomaremos como base estudos desenvolvidos por Kate Millett, Djamila Ribeiro e Gayatri Chakravorty Spivak. As três autoras abordam em seus trabalhos problemáticas femininas que se originam das relações de poder na sociedade patriarcal. Millet nos possibilitará a compreensão da diferenciação categórica entre os sexos, a qual é produzida e reproduzida em sociedade para a manutenção das relações de poder entre homens e mulheres. Ribeiro e Spivak nos auxiliarão a compreender o conceito de lugar de fala e como este conceito serve à elucidação da diferença entre as diversas posições sociais ocupadas pelas mulheres na sociedade.

Nesse sentido, também nos pautaremos nas pesquisas sobre a subalternização feminina desenvolvidas por Spivak. É necessário esclarecer que, embora o contexto de *O conto da Aia* não seja o mesmo abordado pela estudiosa, sua teoria elucida questões caras a esse trabalho, quais sejam as diferenças sociais entre as mulheres, e esclarece que, em decorrência dessa diferença nas posições sociais, nem todas as mulheres estão submetidas aos mesmos processos de subalternização .

Tendo por base essa diferença nos processos de subalternização feminina, realizaremos, no capítulo três, “A não-homogeneização da subalternização feminina”, um estudo sobre as relações de poder entre as mulheres. Para isso, adotaremos elucidações propostas por Teresa de Lauretis e Flávia Biroli. A primeira autora propõe um apanhado sobre as teorias feministas para mostrar que as problemáticas femininas devem ser vistas a partir de uma perspectiva social, pois, caso essa perspectiva seja ignorada, a realidade de algumas mulheres – as mais pobres e negras principalmente –, será negligenciada. Já a autora Flávia Biroli argumenta que, em um contexto de produção capitalista, ocorre a exploração de mulheres realizada por outras mulheres. Essa exploração, segundo a autora pode ser compreendida como relações de poder entre as mulheres.

A partir desses estudos teóricos teremos condições de chegar ao nosso objeto de análise, as relações de poder entre as mulheres em *O conto da Aia*. Nesse sentido, esse trabalho tem como intento analisar as relações de poder entre as mulheres que permeiam a narrativa, de modo a evidenciar as diferenças sociais entre essas mulheres e mostrar que, em decorrência disso, elas não são igualmente afetadas pela dominação patriarcal.

CAPÍTULO 1: ESTRATÉGIAS NARRATIVAS PARA A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO DA MEMÓRIA

O conto da Aia é uma narrativa distópica organizada em quinze partes, nas quais são narradas, o treinamento de uma aia, a rotina de Offred, os acontecimentos da casa, a vida em Gilead, as relações entre as personagens e a vida antes de Gilead. Apenas na última parte intitulada “Notas históricas”, há a mudança de narrador, o qual descreve uma palestra acadêmica de estudos sobre Gilead muitos anos após a nação ser extinta. Essa obra é narrada em primeira pessoa pela personagem principal, a aia Offred, de maneira não linear, isto é os acontecimentos do passado e do presente se misturam.

No que concerne à voz narrativa, esta, de acordo com a tipologia proposta por Norman Friedman (2002), apresenta características da Onisciência seletiva (com exceção da última parte na qual ocorre uma mudança de narrador). Nessa categoria, a história aparece apenas por meio da mente de uma personagem, nesse caso, a aia Offred. Desse modo, não há a composição de diversos ângulos de visão, ao contrário, os canais limitam-se aos sentimentos e pensamentos da personagem central que narra a história de um centro fixo.

Ainda segundo Friedman, os começos abruptos e a distorção presente nos romances modernos se devem ao uso das Onisciências múltipla e seletiva, “pois se o objetivo é dramatizar os estados mentais e, dependendo de quão ‘fundo’ na mente do personagem se vai, a lógica e a sintaxe do discurso comum, normal e cotidiano começam a desaparecer” (2002, p.178). A mesma característica observamos em *O conto da Aia*. Nessa ficção, a dramatização e o aprofundamento nos estados mentais da personagem central foi possível graças à narração por meio da Onisciência seletiva. O fragmento abaixo exemplifica essa técnica narrativa:

- Nós deveríamos voltar – digo para Ofglen. Sempre sou eu quem diz isso. Às vezes tenho a impressão de que se não dissesse, ela ficaria aqui para sempre. Mas será que ela está pranteando ou exultando alguém? Ainda não sei dizer.

Sem uma palavra ela gira nos calcanhares, como se fosse ativada pela voz, como se fosse montada sobre rodinhas bem lubrificadas, como se estivesse na tampa de uma caixinha de música. Tenho ressentimento dessa graciosidade dela. Tenho ressentimento de sua cabeça humilde, sempre baixa como se diante de um vento forte.

Mas não há vento.

Deixamos o Muro, andamos de volta pelo caminho por onde viemos, sob o sol cálido (ATWOOD, 2017, p.55).

Esse fragmento faz parte de uma passagem em que Offred e Ofglen estão fazendo sua caminhada habitual e param diante do Muro (local utilizado para expor os corpos

daqueles que foram punidos com o enforcamento por terem desobedecido alguma norma de Gilead) para observar os corpos que lá estavam expostos. Como podemos notar, a narração é feita em primeira pessoa pela personagem principal. Como se trata de onisciência seletiva, a outra personagem é apresentada por meio das percepções mentais de Offred, ou seja, o leitor não pode ter certeza do comportamento de Ofglen ou do que ela realmente estava pensando, pois o que Offred faz é uma especulação dos pensamentos dela.

Além disso, os estados mentais de Offred são expostos na narrativa por meio das técnicas do fluxo da consciência, as quais são utilizadas com o objetivo de expor o estado e os processos psíquicos das personagens. Nesse sentido, podemos compreender que esse conjunto de técnicas aprofunda o que Friedman propôs sobre a dramatização dos estados mentais das personagens. Os romances que fazem uso dessas técnicas apresentam como conteúdo principal a consciência de uma ou mais personagens, ou seja, “a consciência retratada serve como uma tela sobre a qual se projeta o material desses romances” (HUMPHREY, 1976, p.2). Para melhor compreender o conjunto dessas técnicas Humphrey (1976) propõe uma metáfora para explicar os romances que delas fazem uso: o autor propõe que imaginemos a consciência como um *iceberg*, não só a parte visível, que é relativamente pequena, mas ele por inteiro; os romances do fluxo da consciência se ocupam da parte submersa. Nesse sentido, a ênfase desses romances está na exploração dos níveis de consciência que antecedem a fala (nível da pré-fala) com o objetivo de revelar o estado psíquico das personagens.

Para isso, o referido autor elenca as seguintes técnicas: descrição onisciente, solilóquio, monólogo interior direto, monólogo interior indireto e associação livre que é um procedimento. É oportuno acrescentar que nem sempre encontraremos todas essas técnicas em um único romance, tampouco a utilização de uma única técnica. Pode ocorrer o predomínio de uma ou outra, ou ainda, a combinação de duas ou mais técnicas na construção de uma mesma cena ficcional.

A descrição onisciente é a técnica utilizada para representar o conteúdo e os processos psíquicos de uma personagem. A descrição é feita por um narrador onisciente que, embora tenha conhecimento da consciência da personagem, não se aprofunda em seus conteúdos psíquicos, ficando muito próximo do nível da fala, ou seja, dos conteúdos articulados. A narração é feita com a suposta presença de uma plateia, esta é, à propósito, uma característica em comum ao solilóquio.

O solilóquio é a técnica usada para representar o teor e os processos psíquicos de uma personagem diretamente desta para o leitor sem a presença do autor, mas com a suposta

presença de uma plateia. Assim como na descrição onisciente, no solilóquio o nível da consciência está próximo à superfície. Em comparação com o monólogo interior, é menos profundo e mais limitado no que diz respeito à profundidade de conteúdos psíquicos; além disso, o propósito do solilóquio é comunicar emoções e ideias enquanto do monólogo interior é, principalmente, comunicar identidade psíquica.

O monólogo interior é a técnica utilizada para representar os conteúdos e processos psíquicos de uma personagem nos diversos níveis do controle consciente, os quais podem ser representados de forma parcial ou inteiramente inarticulados, exatamente por serem conteúdos que ainda não foram organizados para fala, isto é, que estão no nível da pré-fala. O monólogo interior distingue-se em direto e indireto.

O primeiro “é tipo de monólogo interior apresentado quase sem interferência do autor e sem se presumir uma platéia” (HUMPHREY, 1976, p.22). De outra forma, a personagem, dentro da cena ficcional, não se dirige a ninguém, nem ao leitor, aliás, é como se não houvesse um leitor. É denominado direto, porque não há a interferência do autor no sentido deste anunciar o monólogo interior da personagem com expressões do tipo: “ele disse” e “ele pensou”. Do ponto de vista sintático, observa-se a ausência de pontuação; além disso, as palavras são dispostas de forma fluida e incoerente representando as divagações da personagem.

O monólogo interior indireto é o tipo de monólogo em que há a presença do autor onisciente, o qual tem conhecimento da consciência da personagem e, por meio de comentários e descrições, guia o leitor através dela. No monólogo indireto há o uso da terceira pessoa, bem como de métodos descritivos e expositivos; “e a possibilidade de maior coerência e de maior unidade superficial pela escolha dos materiais” (HUMPHREY, 1976, p.27). Tal fato não prejudica a fluidez e o senso de realismo na descrição dos estados da consciência, porque aquilo que o autor apresenta é direto em matéria dos processos psíquicos da personagem. Nesse fato reside a diferença entre o monólogo interior indireto e a descrição onisciente, pois ainda que essas duas técnicas sejam frequentemente confundidas, naquela técnica o aprofundamento na consciência da personagem é maior do que nesta.

Podemos identificar que em *O conto da Aia* há a predominância do monólogo interior direto, construído, ao longo da narrativa, em torno dos conteúdos psíquicos de Offred, que intercala momentos de descrição dos eventos com as divagações de sua consciência. As apresentações do monólogo interior direto da personagem não vêm precedidas de nenhuma

exposição, logo a consciência de Offred é apresentada diretamente ao leitor. O excerto abaixo é um exemplo da utilização dessa técnica:

Olho para aquele único sorriso vermelho. O vermelho do sorriso é igual ao vermelho das tulipas no jardim de Serena Joy, na base das flores onde elas estão começando a sarar. O vermelho é igual, mas não há nenhuma ligação. As tulipas não são tulipas de sangue, os sorrisos vermelhos não são flores, nenhuma das duas coisas faz um comentário sobre a outra. A tulipa não é um motivo para não acreditar nos homens pendurados, ou vice-versa. Cada coisa é válida e realmente existe. É através de um campo de objetos válidos desse tipo que tenho de encontrar meu caminho, todos os dias e em todos os sentidos. Invisto um enorme esforço para fazer essas distinções. Preciso fazê-las. Preciso ter uma compreensão muito clara em minha mente. (ATWOOD, 2017, p.46).

Assim como apresentado anteriormente nesta seção, o excerto acima também faz parte de uma passagem em que Offred, acompanhada por Ofglen, está fazendo sua habitual caminhada. Ao parar diante do Muro, deparam-se com seis corpos pendurados; um dos corpos tinha manchas de sangue no saco branco que lhe cobria a cabeça, esse em especial chama a atenção de Offred e suscita, em sua consciência, os processos psíquicos observados no referido excerto.

Esses processos psíquicos são representados por meio do monólogo interior direto, dado que, quanto à forma, notamos que o fragmento mencionado não vem precedido de nenhuma exposição, está escrito em primeira pessoa, também há a frequente interrupção de uma ideia por outra e as frases estão colocadas em sequência sem conectivos sintáticos. Tais aspectos promovem uma aparente incoerência e, ao mesmo tempo, fluidez na narração.

Ademais, na passagem destacada, encontramos um importante procedimento da técnica do fluxo da consciência: a associação livre, que é procedimento assentado nos princípios da livre associação psicológica. À vista disso, o conhecimento sobre o funcionamento da atividade psíquica auxilia na compreensão dessa técnica. Para isso, Humphrey (1976, p.38-39, grifo nosso) apresenta a seguinte explicação sobre o funcionamento da psique:

a psique, cuja atividade é quase ininterrupta, não pode ser concentrada por muito tempo em seus processos, mesmo quando é fortemente dominada [...]. Contudo, a atividade da consciência deve ter conteúdo o qual é fornecido pelo poder que tem uma coisa de sugerir outra, através de uma associação de qualidades em comum ou contrastantes, em todo ou em parte – mesmo a mais vaga das sugestões. São três os fatores que controlam a associação: primeiro, a **memória**, que é a sua base; segundo os **sentidos** que a guiam; e terceiro, a **imaginação** que determina sua elasticidade.

Assim posto, é possível constatar que, na passagem do romance selecionada anteriormente, o trabalho mental de Offred é controlado pelo princípio da associação livre através da memória, dos sentidos e da imaginação. Primeiro, Offred **enxerga** (sentido) o sorriso vermelho de sangue; em seguida, **lembra** (memória) das tulipas vermelhas do Jardim de Serena Joy; depois, **imagina** que o vermelho das tulipas não é o sangue e o vermelho do sorriso não são flores. Por fim, a personagem utiliza todas essas associações para se lembrar que precisa ter bem definida em sua mente a distinção do que é real e do que é fruto de sua imaginação.

É interessante também notar como um elemento sugere outro por meio da associação de características em comum, nesse caso a cor vermelha: o vermelho do sorriso de sangue que faz lembrar o vermelho das tulipas do Jardim de Serena Joy. Outro entendimento possível: um corpo pendurado que faz lembrar Serena Joy, caracterizada algumas vezes por Offred como uma mulher apática e sem vida, muito diferente da mulher ativa que um dia fora.

Dessa forma, pela propriedade que a associação livre tem de representar tão bem o movimento dos processos psíquicos de uma personagem ela aparece frequentemente associada às outras técnicas. Humphrey (1976, p.43) assevera ainda que “toda a ficção do fluxo da consciência depende muito dos princípios da livre associação”.

As técnicas do fluxo da consciência não se limitam apenas às que foram apresentadas nesta seção. Contudo, uma vez que elas não são o foco de nossa análise, mas um instrumento que nos permite alcançá-la, buscamos discutir apenas aquelas que predominam na construção de *O conto da Aia*. Tendo em vista que o romance é narrado pela Aia Offred por meio da representação de sua consciência (seus estados mentais e processos psíquicos), é necessário primeiramente conhecer essas técnicas para então fazer a análise das relações de poder presentes na narrativa. Em outras palavras, as técnicas aqui apresentadas nos permitem visualizar as relações de poder presentes na narrativa ao expor a psique de Offred e nos guiar na observação das consequências dessas relações na identidade psíquica da personagem.

CAPÍTULO 2: A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS POR MEIO DAS RELAÇÕES DE PODER

Para compreender as relações de poder presentes em *O Conto da Aia*, é preciso levantar algumas discussões a respeito do funcionamento do poder. Para isso, recorreremos, em um primeiro momento, a estudos desenvolvidos por Michel Foucault. Todavia, aqui se torna importante um adendo para considerar que o referido filósofo não desenvolveu uma teoria específica sobre o poder, o que ele fez foi estudar os diferentes modos pelos quais, em determinada cultura, o ser humano torna-se sujeito². Ao estudar a constituição dos sujeitos na sociedade, Foucault (1995) consequentemente estudou o funcionamento do poder, uma vez que o indivíduo, colocado em relações de produção e de significação, é, ao mesmo tempo, inserido em relações de poder.

Assim posto, Foucault (1979) nos orienta a analisar o poder não em suas formas jurídicas e regulamentares, mas em suas extremidades, no ponto em que ele ultrapassa as regras do direito que o legitimam e o delimitam. Ao fazermos essas análises, compreendemos que o poder não é um fenômeno de dominação maciço e homogêneo, ele não está dividido entre aqueles que o possuem exclusivamente e aqueles que não o possuem, pois nunca é apropriado como um bem ou uma riqueza.

Nesse ponto, é oportuno esclarecer que caracterizar o poder como não homogêneo não implica negar que, na sociedade capitalista, determinados grupos sociais exercem uma parcela de poder maior que outros grupos; ainda, dentro de um mesmo grupo, o poder não é exercido igualmente por seus membros. Kate Millett, em *Sexual Politics* (2000, p. 24, tradução nossa), acrescenta que, ao se conceituar teorias políticas que tratem das relações de poder é “[...] pertinente defini-las levando em consideração os graus de contato e interação entre membros de grupos bem definidos e coerentes: raças, castas, classes e sexos”³ – vale destacar que tais questões serão desenvolvidas durante a análise da obra.

Desse modo, é possível compreender que o poder não está localizado em pontos limitados e estanques, ao contrário, funciona de modo difuso e sistemático. O poder circula entre os indivíduos, os quais estão sempre na posição de exercê-lo e de sofrer suas ações.

² “Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e pela dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a” (FOUCAULT, 1995, p.235). Os dois significados são possíveis neste trabalho, uma vez que estudamos as condições das mulheres e essas, na sociedade patriarcal, estão submetidas ao poder dos homens; além disso, as mulheres tornam-se mulheres, ou seja, constroem uma identidade feminina determinada pelo discurso patriarcal.

³ Do inglês: “[...] pertinent to define them on grounds of personal contact and interaction between members of well-defined and coherent groups: races, castes, classes, and sexes” (MILLETT, 2000, p. 24).

Nesse sentido, os indivíduos são sempre centros de transmissão de forma que o poder não se aplica a eles, e sim passa por eles e ao passar, produz efeitos: “Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Em outros termos, **o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos**” (FOUCAULT, 1979, p.183, grifo nosso).

Outra questão é que o exercício do poder não pode funcionar sem a produção e circulação de discursos de verdade, os quais estabelecem as relações de poder que perpassam e constituem o corpo social. O poder para ser exercido exige dos indivíduos a produção da verdade, entendida como um “[...] conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 1979, p.14). Ou seja:

estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é a lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. (FOUCAULT, 1979, p.180).

Um dos efeitos desses discursos de verdade é a distinção categórica entre homens e mulheres produzida e reproduzida para a manutenção das relações de poder entre os sexos. Tais discursos têm a habilidade de se passarem como naturais e necessários. Entretanto, de acordo com Millett (2000), muitas distinções entre os sexos, nos diversos setores humanos, longe de terem bases biológicas, são essencialmente culturais.

A partir do que foi exposto, podemos compreender que o poder só existe em ato, isto é, em exercício (ainda que se apoie sobre estruturas permanentes). Esse exercício ocorre nas relações entre os indivíduos, de modo que **as relações de poder são relações em que o exercício do poder é um modo de ação de “uns” sobre “outros”** (FOUCAULT, 1995). Ainda segundo Foucault (2012, p.227) “as relações de poder são intrincadas em outros tipos de relação (de produção, de aliança, de família, de sexualidade) em que desempenham um papel ao mesmo tempo condicionante e condicionado”.

O funcionamento dessas relações não se constitui na renúncia à liberdade ou na transferência de direitos pelos sujeitos, muito embora o consentimento possa ser uma condição para que a relação de poder exista e se mantenha. Contudo, a relação de poder se trata de um consentimento anterior, ou seja, é um exercício de poder que não age diretamente e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre a ação dos outros (FOUCAULT, 1995).

Vale destacar que não podemos conceber essas relações de poder apenas como uma espécie de dominação brutal que faz uso da violência física para se realizar, essas situações existem, mas são situações extremas de poder. As relações de poder são mais frequentemente realizadas por meio dos discursos pronunciados por aqueles que têm o seu lugar de fala legitimado na sociedade. Nesse sentido, a fim de nos aprofundarmos na questão do lugar de fala, caro às análises empreendidas neste trabalho, faz-se necessário o diálogo também com a estudiosa indiana, Gayatri Spivak.

Sobre lugar de fala, Spivak (2010) utiliza o termo “representação” e distingue dois sentidos: o primeiro sentido se refere ao “falar por”, isto é, ao ato de assumir o lugar do outro em uma acepção política, como por exemplo, o caso das representações partidárias; o segundo sentido é o da “re-presentação” que está ligado a uma visão estética, no campo da arte e da filosofia. Todavia, em ambos os sentidos, a representação é um ato de fala, o qual implica a pressuposição de um falante e de um ouvinte.

Desse modo, compreendemos que o ato de fala configura-se na existência de um espaço dialógico de interação entre falante e ouvinte. Entretanto, Spivak argumenta que essa interação não ocorre para o sujeito subalternizado que, em decorrência do *locus social* que ocupa, não pode falar. De acordo com Spivak (2010), o termo subalterno é usado para descrever os indivíduos que ocupam as camadas mais baixas da sociedade e que, por isso, são excluídos do mercado de trabalho, da política e da possibilidade de se tornarem membros do estrato social dominante.

Ainda nesse viés, Ribeiro (2017) afirma que o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. [...] Quando falamos de direito à existência digna, a voz, estamos falando de *locus social*. Desse modo, podemos compreender que todos os indivíduos possuem um lugar de fala, uma vez que todos possuem uma localização social. Contudo, nem todos esses lugares são legitimados. Assim, em uma sociedade estruturada em relações de poder há uma hierarquização dos grupos sociais em virtude do *locus social* que ocupam. Trata-se de uma estrutura que privilegia certos grupos em detrimento de outros. Em relação aos sujeitos subalternizados, o *locus social* imposto a esses sujeitos lhes restringem as oportunidades e o acesso a lugares de cidadania. Esse alijamento social que lhes é imposto acarreta, entre outras coisas, na escassez e até mesmo na falta de produções e epistemologias desses grupos nos espaços sociais legitimados, tal como argumenta Ribeiro (2017, p.51-52):

não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet [...]. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.

Assim, a autora esclarece que não se trata de discutir experiências individuais, mas de compreender as condições sociais de exclusão que determinados indivíduos, de acordo com a localização social, experienciam. Esse debate é importante, pois rompe com a visão de universalização dos sujeitos, a qual invisibiliza algumas realidades. Com base no que foi discutido apresentaremos no tópico seguinte uma análise das relações de poder em Gilead, com o objetivo de compreender a estrutura e o funcionamento dessas relações nessa sociedade ficcional.

2.1 As relações de poder em Gilead

Gilead é uma nação totalitária e teocrática, cuja estrutura social não permite a mobilidade vertical e a distribuição de poder está relacionada ao *status* e poder econômico de cada indivíduo. Tendo em vista a complexidade da organização em Gilead, adotaremos a designação **grupos** para tratar da conformação dessa sociedade ficcional.

O grupo de maior *status* é o dos Comandantes. Cada comandante, além de ocupar um alto cargo no governo, tem a seu dispor, uma casa, uma Esposa, uma Aia, uma ou duas Marthas e um Guardião. Em nenhum momento na narrativa é mencionada a figura de um Comandante geral, ao contrário, frequentemente é citada a existência de muitos Comandantes. Os outros homens se organizam em grupos de menor *status*, como o dos Guardiões (executam serviços gerais, como cuidar do jardim ou ser motorista, por exemplo) e dos Anjos (espécies de soldados que lutam na guerra).

As mulheres são divididas em grupos também. O grupo de maior *status* é o das Esposas dos Comandantes (sua função é ser esposa e cuidar da organização da casa); em seguida o grupo das Tias (atuam como doutrinadoras das Aias); das Marthas (cumprem atividades domésticas); das Aias (responsáveis por gerar filhos para as famílias dos Comandantes) e das Econoesposas que não estão divididas de acordo com uma função a desempenhar, mas são esposas dos homens mais pobres, por isso elas possuem diversas ocupações.

As mulheres que não se encaixam em nenhum grupo ou que não aceitam se submeter ao sistema de Gilead são consideradas Não-mulheres e enviadas para campos de concentração, onde têm que viver em condições desumanas. Há ainda as mulheres que

trabalham como prostitutas em um lugar conhecido como Casa de Jezebel. Entretanto, trata-se de um lugar escondido e de conhecimento apenas dos Comandantes; desse modo, essas mulheres não são consideradas um grupo oficial. Nessa sociedade fictícia, todas as mulheres, independente do grupo ao qual pertençam, não têm o direito de possuir bens e tudo é administrado pelos homens.

Como podemos observar, as relações sociais em Gilead podem ser entendidas à luz dos estudos foucaultianos sobre poder, pois nessa sociedade fictícia o poder funciona de modo difuso e sistemático, ou seja, ele não está concentrado nas mãos de um único indivíduo, mas passa pelos indivíduos. Notamos, ainda, que o grupo de maior *status* é o que exerce a maior parcela de poder. Além disso, os homens exercem uma maior parcela de poder também, já que a eles é dado o direito de possuir. Contudo, ainda dentro de um mesmo grupo ligado ao sexo – feminino e masculino, o poder não é exercido de forma homogênea entre seus membros, visto que tanto entre os homens quanto entre as mulheres os grupos possuem *status* diferentes.

Outra característica importante em Gilead é a circulação dos discursos de verdade para a manutenção das relações de poder. Esses discursos, que têm a habilidade de se passarem como naturais e necessários, moldam os indivíduos em seu comportamento, sua fala, sua imagem, para que exerçam exatamente a função a que foram submetidos. A seguinte fala de Offred exemplifica a não naturalidade desses discursos: “O costumeiro, dizia Tia Lydia, é aquilo a que vocês estão habituadas. Isso pode não parecer costumeiro para vocês agora, mas depois de algum tempo será. Irá se tornar costumeiro” (ATWOOD, 2017, p.46).

O excerto acima faz parte de uma passagem, já mencionada na seção anterior, em que Offred para diante do muro e se depara com três corpos pendurados. Como podemos observar, Tia Lydia tinha consciência de que aquela (condição de privação da liberdade e individualidade) não era uma condição natural, mas uma condição criada pelo sistema do qual fazia parte. Contudo, segundo a personagem, depois de um tempo essa condição iria se tornar costumeira, ou seja, iria se passar como natural.

Ademais, a imagem descrita no excerto anterior suscita memórias e reflexões em Offred: ela começa então a imaginar as causas pelas quais aqueles homens foram punidos. No entanto, esse processo imaginativo é interrompido pela lembrança da fala (supracitada) de Tia Lydia. Observamos que tanto as associações promovidas pela imagem quanto a reprodução do discurso de Tia Lydia ocorrem por meio das representações mentais de Offred. As técnicas do fluxo da consciência, abordadas no capítulo anterior, portanto, são utilizadas para mostrar o

quão penetrante os discursos são, a ponto de constituírem a identidade psíquica dos sujeitos, tal como podemos observar adiante por meio de uma fala de Offred: “A República de Gilead, dizia Tia Lydia, não conhece fronteiras. Gilead está dentro de você” (ATWOOD, 2017, p.34).

Por outro lado, os indivíduos são constrangidos a reproduzir esses discursos para que continuem vivos. No fragmento abaixo, temos uma exemplificação desse processo; trata-se de uma passagem na qual Offred e Ofglen estão fazendo sua caminhada habitual e são paradas por um grupo de turistas, Offred observa, curiosa, as roupas das mulheres:

Faz muito tempo que não vejo mulheres vestidas com saias tão curtas. As saias chegam apenas até pouco abaixo dos joelhos e as pernas saem debaixo delas, quase nuas nas meias finas, ostensivas, provocadoras, os sapatos de salto alto com tiras presas ao pé parecendo delicados instrumentos de tortura. As mulheres oscilam sobre os pés espigados como se sobre pequenas pernas de pau, mas sem equilíbrio; suas costas se arqueiam na cintura, projetando as nádegas para fora. Têm a cabeça descoberta, e os cabelos também estão expostos em toda a sua escuridão e sexualidade. Usam batom vermelho, delineando as cavidades úmidas de suas bocas, como desenhos numa parede de banheiro, do tempo de antes.

Paro de andar. Ofglen para ao meu lado e sei que ela também não consegue tirar os olhos daquelas mulheres. Estamos fascinadas, mas ao mesmo tempo sentimos repulsa. Elas parecem despidas. Foi preciso tão pouco tempo para mudar nossas ideias a respeito de coisas como essa.

Então penso: eu costumava me vestir assim. Isso era liberdade.

Ocidentalizada, é como eles costumavam chamar isso (ATWOOD, 2017, p.40).

Podemos observar o estranhamento e a repulsa de Offred em relação às roupas das mulheres. Em seu treinamento de Aia, ela foi ensinada que aquele tipo de roupa era pecado e provocava os homens, desse modo seus corpos deveriam ser escondidos. A personagem reproduz esse discurso de forma natural como se ele fizesse parte de sua constituição enquanto sujeito. Entretanto, no mesmo momento ela se dá conta de que, no passado, costumava se vestir assim e isso representava liberdade. Percebemos como o discurso dela foi modificado, esse processo foi necessário para ela se encaixar na posição que ora ocupa, não simplesmente por uma questão de poder, mas de sobrevivência.

Essa mudança no discurso e no comportamento de Offred é, ainda, consequência das relações de poder existentes em Gilead, que como toda sociedade patriarcal apoia-se em políticas sexuais, as quais, segundo Millett (2000), marcam a distinção entre os sexos com base no temperamento, papel e *status*.

O *status* configura-se na superioridade masculina e na inferioridade feminina. O **temperamento** diz respeito à formação humana da personalidade, a qual é construída em torno de estereótipos de categorias sexuais – masculino e feminino, baseados nas

necessidades e valores do grupo dominante para que se mantenham na posição de dominação. Dessa forma, agressividade, inteligência, força e eficácia são características esperadas para o masculino; enquanto, docilidade, passividade e ineficiência são traços impostos para o feminino.

No que concerne ao **papel**, este funciona como um complemento do primeiro fator, visto que se trata de um código de conduta, gestos e atitudes para cada sexo. Cada fator funciona como um componente específico: o *status* como político, o papel como sociológico e o temperamento como psicológico. Mesmo sendo independentes, todos os três componentes coexistem e funcionam como uma corrente (MILLETT, 2000). À vista disso, a mudança no discurso de Offred ocorreu em virtude de sua adequação a esses fatores, os quais, como já mencionamos, consolidam as relações de poder entre os sexos. Notamos, assim, que o exercício do poder disciplina os corpos e rege os comportamentos.

Observamos, ainda, a reprodução dos discursos de verdade não só no comportamento das personagens, como também na caracterização de suas roupas, pois os indivíduos, inclusive os homens, são identificados pela cor de suas roupas. Essa padronização dos grupos caracteriza o corpo social, o qual não é constituído pela universalidade das vontades, como Foucault (1979, p.146) assevera “não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos”.

Logo, podemos compreender que o exercício do poder é uma ação que age sobre a ação dos outros, ou seja, os indivíduos não são livres para agir, se comportar ou para se vestir tal como queiram, porque, antes de tomarem essa ação, um discurso dominante já agiu para determinar o que esses indivíduos devem ser. Trata-se, desse modo, de uma relação em que um sujeito ou um grupo, que ocupa uma posição dominante, age (por meio dos discursos) sobre aqueles que estão em posição inferior. O seguinte excerto exemplifica essa questão:

Talvez nada disso seja a respeito de controle. Talvez não seja realmente sobre quem pode possuir quem, quem pode fazer o que com quem e sair impune, mesmo que seja até levar à morte. Talvez não seja sobre quem pode se sentar e quem tem de se ajoelhar ou ficar de pé ou se deitar, de pernas arreganhadas. Talvez seja sobre **quem pode fazer o que com quem** e ser perdoado por isso. Nunca me diga que dá no mesmo (ATWOOD, 2017, p.163-164, grifo nosso).

O fragmento pertence a uma passagem na qual Offred chega em casa cansada após ter assistido ao parto de Janine (uma aia). Ela se deita na cama e começa a se lembrar de Moira, a imaginá-la em uma vida diferente da qual tinha em Gilead. Entretanto, esse processo é interrompido quando Offred começa a pensar que tudo o que acabara de se passar em sua mente não é apenas fruto de sua imaginação, mas também uma possibilidade de vida. Nesse

processo imaginativo, Offred reflete sobre o sistema no qual está inserida, a personagem então chega a uma conclusão que se assemelha, em outros termos, à definição de poder defendida por Foucault (1995, p. 243), “uma ação sobre ações”.

Percebemos, desse modo, que os estudos sobre as relações de poder estão imbricados na narrativa por meio da representação dos pensamentos das personagens, em especial, da narradora-protagonista Offred, o que reforça nossa constatação de que o estudo das estratégias do fluxo da consciência no romance é fulcral para o entendimento de como se constituem as relações de poder na obra.

Ainda sobre essa mesma passagem, Offred, ao admitir que os seus pensamentos são também uma reconstrução do que poderia ter sido ou do que ela poderia ter feito, cogita a possibilidade de um dia sair desse sistema opressor:

Pretendo sair daqui. Isto não pode durar para sempre. Outros pensaram essas coisas, em tempos difíceis antes deste, e estavam sempre certos, conseguiram sair de uma maneira ou de outra, e não durou para sempre. Embora para eles tenha durado todo o para sempre que tinham (ATWOOD, 2017, p.163).

Percebemos na fala da personagem um sentimento de resistência àquele sistema no qual ela vivia. Em vista disso, compreendemos, tal como defendia Foucault (1995), que as relações de poder não são relações de dominação estável, ao contrário, são relações de força e de enfrentamento e, por isso, sempre reversíveis. Por este motivo, ao longo da narrativa, também encontramos grupos que se organizavam secretamente para ajudarem algumas aias e pessoas que estavam em perigo de serem mortas pelo governo a fugirem. O que representa uma força de resistência ao sistema opressor de Gilead. Assim,

as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia, quanto maior for a resistência (FOUCAULT, 2012, p.227).

Em Gilead, quanto maiores eram os casos de resistência, mais intensa a opressão (realizada frequentemente por meio da violência e do medo) se tornava. Como já apresentado anteriormente em algumas passagens, nessa nação ficcional há um local, um muro especificamente, onde são expostos os corpos daqueles que desobedecem a alguma norma ou dos que são considerados inimigos do governo, esses corpos são expostos para difundir o medo entre os cidadãos. Essa passagem exemplifica uma característica marcante dos governos totalitários, pois, segundo Arendt (1989, p.390), “nos países totalitários, a propaganda e o

terror parecem ser duas faces da mesma moeda”. Ainda segundo a autora, nesses governos a violência é usada nos estágios iniciais para oprimir a oposição política que ainda existe, mas, quando o totalitarismo já detém o controle absoluto, a violência é utilizada com outros fins como para “dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias” (ARENDDT, 1989, p.390).

É necessário pontuar que nos regimes totalitários a violência nunca é um fim em si, mas um meio para um fim. O fim prático de um movimento totalitário é adequar o maior número possível de pessoas à sua estrutura, acioná-las e mantê-las em ação e para isso, utiliza-se muitas vezes da violência. Entretanto, o totalitarismo não se contenta em governar por meio do Estado e de uma máquina de violência, porque ele tem como arma mais eficaz uma ideologia, e graças a essa ideologia no aparelho de coação “o totalitarismo descobriu um meio de subjugar e aterrorizar os seres humanos internamente” (ARENDDT, 1989, p. 375).

Offred é uma personagem subjugada e aterrorizada internamente pelo regime totalitário de Gilead. Esse terror é visualizado por meio da representação do trabalho da mente da personagem, o qual é, muitas vezes, fragmentado e incompleto em decorrência dos mecanismos de resistências oriundos dos traumas por ela vivenciados nesse regime. Esse processo é possível de ser observado no fragmento a seguir:

Ou eu ajudaria Rita a fazer o pão, mergulhando as mãos naquele calor resistente e suave que se parece tanto com o de nossa carne. Anseio por tocar alguma coisa, algo que não seja pano ou madeira. Anseio por cometer o ato do toque.

Mas mesmo se eu pedisse, mesmo se eu violasse o decoro a esse ponto, Rita não permitiria. Ela teria medo demais. As Marthas não devem confraternizar conosco.

Confraternizar significa comportar-se como um irmão. Luke me disse isso. Ele me disse que não existia palavra correspondente que significasse *comportar-se como uma irmã*. Teria que ser *consororizar*, disse ele. Do latim. Ele gostava de saber detalhes assim. As derivações de palavras, os usos curiosos. Eu costumava caçoar dele, dizer que era pedante.

Pego os vales de alimentos da mão estendida de Rita. Os vales têm diferentes ilustrações, das coisas pelas quais podem ser trocados: doze ovos, um pedaço de queijo, uma coisa marrom que deveria ser um bife. Eu os guardo no bolso com zíper em minha manga, onde mantenho meu passe (ATWOOD, 2017, p.20).

O excerto faz parte do capítulo dois, no qual Offred relata a sua vida na casa do Comandante, o ambiente físico e a sua relação com as outras pessoas que lá moravam. Como podemos notar, a personagem relaciona um elemento a outro: primeiro ela **lembr**a (memória) do **calor** (sentido) da massa do pão, em seguida relaciona essa sensação com a sensação da

carne humana. Essas memórias suscitam na aia a exposição de um desejo que é imediatamente reprimido. Nesse ato de repressão, Offred usa uma palavra que a faz se **lembrar** (memória) de Luke (seu companheiro no passado), entretanto essa recordação sobre Luke é breve e vem logo reprimida por um relato de sua atual condição, ou seja, podemos notar que as representações mentais sobre Luke não se completam, pois Offred não se permite imaginar situações com ele.

A ação de Offred de reprimir suas lembranças pode ser interpretada à luz da teoria psicanalítica como um mecanismo de resistência. Sigmund Freud (2006) em “Recordar, repetir e elaborar” explica que as resistências surgem devido à repressão. Portanto, as resistências apresentadas por Offred nos mostram que a personagem apresenta uma psique traumatizada em decorrência das repressões pelas quais passou em Gilead.

Além disso, a associação livre, como já mencionamos, é empregada para demonstrar a consciência fragmentada de Offred que, em muitos momentos, se recorda de acontecimentos do passado de forma incompleta, isto é, há lacunas em seus relatos. Sendo assim, podemos compreender que as técnicas do fluxo da consciência nos permitem conhecer a identidade psíquica da personagem, que é parte de sua constituição enquanto sujeito. Por conseguinte, a constituição do sujeito, nesse caso Offred, ocorre por meio das relações de poder que perpassam o corpo social. Logo, as técnicas do fluxo da consciência nos possibilitam observar o resultado dessas relações no próprio sujeito, alcançando o que Foucault propõe: “seria preciso procurar estudar os corpos periféricos e múltiplos, os corpos constituídos como sujeitos pelos efeitos de poder” (FOUCAULT, 1979, p.182).

A partir das análises desenvolvidas neste capítulo poderemos então, realizar um estudo sobre as relações de poder entre as mulheres presentes em *O conto da Aia*, que se constituem em relações de poder mais específicas. Nesse sentido, no capítulo seguinte apresentaremos discussões teóricas concernentes a temática do feminismo temática. Em seguida, à luz dessas teorias, faremos uma análise das relações de poder entre as mulheres que perpassam a narrativa.

CAPÍTULO 3: A NÃO-HOMOGENEIZAÇÃO DA SUBALTERNIZAÇÃO FEMININA

O movimento feminista Anglo-americano dos anos 60 e 70⁴ centrava suas discussões, debates, questionamentos de teorias, leituras, entre outras práticas sociais em torno do conceito de gênero como diferença sexual. Contudo, segundo Lauretis (1994, p.206) “o conceito de gênero como diferença sexual e seus conceitos derivados – a cultura da mulher, a maternidade, a escrita feminina, a feminilidade etc. – acabaram por se tornar uma limitação, como que uma deficiência do pensamento feminista”. Por outro lado, quando se enfatiza o sexual, a diferença sexual tornar-se, antes de tudo, a diferença entre o homem e a mulher, o masculino e o feminino. Tendo em vista que os conceitos de masculino e feminino são construções discursivas decorrentes das relações de poder, a diferença acaba sendo a diferença no homem, ou seja, o masculino tomado como parâmetro.

Ademais, conforme Lauretis (1994) o conceito de diferença sexual confina uma conceituação universal de sexo, isto é, a mulher como diferença do homem e ambos universalizados, o que torna muito difícil compreender a existência de diferenças entre as mulheres. Além do que, supor uma universalização da mulher significa acreditar que todas as mulheres, independente das práticas sociais nas quais estão envolvidas, vivenciam as mesmas situações de opressão e silenciamento, e ainda que todas as mulheres são diferentes “personificações de alguma essência arquetípica da mulher” (LAURETIS, 1994, p.207).

No entanto, como já abordado na seção anterior, o poder não funciona de forma homogênea. Isso implica dizer que, na sociedade as pessoas exercem diferentes parcelas de poder, ainda que pertencentes ao mesmo grupo social. Dessa forma, não podemos pensar que exista uma homogeneização da subalternização feminina, porque ainda que as mulheres pertençam ao um mesmo grupo ligado ao sexo – feminino, elas ocupam posições sociais diferentes. Logo, segundo Ribeiro (2017, p.32-33) “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto”.

Assim, os movimentos feministas dos anos 80 trouxeram novas discussões sobre o sujeito e suas relações sociais. Nessas novas discussões, o sujeito era visto também constituído no gênero, contudo não somente pela diferença sexual, mas também por meio de enunciados e representações culturais, um sujeito que está inserido também nas relações de

⁴ Iniciamos nossas discussões sobre os estudos propostos pelos movimentos feministas desse período em decorrência de *O conto da Aia* ter sido publicado pela primeira vez em 1985, data que precede esse interstício de tempo.

raça e classe: “um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido” (LAURETIS, 1994, p.208). Dessa forma, Lauretis (1994, p. 211) elucida que,

gênero não é sexo, uma condição natural, e sim a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição ‘conceitual’ e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos. Esta estrutura conceitual é o que os cientistas sociais feministas denominaram ‘o sistema de sexo-gênero’.

Como já mencionado na seção anterior, as relações de poder são intrincadas em outras relações, como as relações de trabalho, família, sexo-gênero, etc. Todavia, tendo em vista o contexto de subalternidade no qual alguns indivíduos estão inseridos essas relações possuem especificidades, e ainda, a condição da mulher necessitada ser observada com olhares mais atentos, visto que, de acordo com Spivak (2010), para o sujeito subalternizado a questão da diferença sexual constitui-se em uma dupla obliteração em decorrência da exclusão da divisão sexual do trabalho e da dominação masculina.

No que concerne a divisão sexual do trabalho, a autora Flávia Biroli (2018) defende que esse é um *locus* importante da produção do gênero. Essa divisão não incide igualmente sobre todas as mulheres, e isso ocorre porque as questões de classe e raça também incidem sobre essa produção. Dessa forma, quando olhamos com mais atenção para a divisão sexual do trabalho percebemos com mais clareza a assimetria entre as mulheres, pois, ainda que essa divisão tenha impacto sobre as mulheres privilegiadas, esse impacto ocorre com consequências distintas daquelas que ocorrem à maioria das mulheres.

Ainda segundo Biroli (2018, p.35), “a exploração do trabalho e a expropriação do tempo e da energia das mulheres não têm apenas homens na outra ponta das relações cotidianas que as efetivam”. Podemos compreender a partir disso que existem relações de poder entre as mulheres, uma vez que essas, como já mencionado, não são atingidas igualmente pela divisão sexual do trabalho. Contudo, durante muito tempo essa diferença entre as mulheres foi ignorada e a universalização delas se deu a partir daquelas que possuíam alguns privilégios. Dessa forma, outras mulheres foram invisibilizadas, como argumenta Biroli (2018, p.36): “é justamente porque as mulheres não estão sempre em desvantagem que a generalização da posição de algumas mulheres foi denunciada como forma de tornar invisíveis as experiências de outras mulheres e as relações de poder que as diferenciam”.

Quando falamos de raça e classe, nossa intenção não é falar de forma específica sobre os tipos de opressão que incidem nessas problemáticas, mas abordar a questão das diferenças

de *locus social* ocupados pelas mulheres, o que implica uma diferença nos processos de subalternização por elas sofridos e, ainda, na existência de relações de poder entre elas, uma vez que essas relações se configuram na forma de privilégios e desvantagens. Contudo, foi necessário mencionar a questão de raça e classe, pois como defendido por muitas autoras feministas, a produção do gênero está interseccionada por essas questões. Dessa forma, é possível compreender que “as mulheres são diferentemente afetadas nos diferentes conjuntos” (LAURETIS, 1994, p.215).

3.1 As relações de poder entre as mulheres em Gilead

Como já abordado anteriormente, em Gilead as pessoas são divididas em grupos de acordo com o *status* que possuem; cada grupo possui uma função e é identificado pela cor de suas vestes. Tendo em vista nosso objetivo, nos ateremos à descrição da divisão feminina. Assim, as Esposas dos Comandantes vestem azul, as Tias vestem cinza, as Marthas usam verde, as Econoesposas usam vestidos listrados de vermelho, azul e verde, são geralmente vestidos velhos e feitos com pouco tecido. As vestes que mais chamam a atenção são as das Aias: sua cor é vermelha e elas andam com o corpo totalmente coberto, nem o seu rosto fica visível.

Algumas mulheres, por pertencerem a um grupo de maior *status*, possuem privilégios em relação às outras mulheres. Essa configuração social de Gilead pode ser entendida como uma representação das diferentes posições ocupadas pelas mulheres na sociedade. Por se tratar de uma distopia, essa diferença de posições sociais é extremamente evidenciada. Temos abaixo um excerto que exemplificam essa questão:

Às vezes, contudo, Serena Joy está fora da casa, visitando outra Esposa de Comandante, uma que esteja doente; esse é o único lugar que seria concebível que ela fosse sozinha, à noite. Ela leva comida, um bolo ou uma torta ou um pão feitos por Rita, ou um pote de geleia das folhas de menta que são cultivadas em seu jardim. Elas ficam doentes com frequência, essas Esposas de Comandante. Isso acrescenta interesse às suas vidas. Quanto a nós, as Aias e mesmo as Marthas, evitamos doenças. As Marthas não querem ser obrigadas a se aposentarem, porque quem sabe para onde vão? Você não vê mais tantas mulheres mais velhas circulando. E quanto a nós, qualquer doença real, qualquer indolência, fraqueza, uma perda de peso ou de apetite, uma queda de cabelo, uma deficiência das glândulas, seria terminal. Lembrome de Cora, logo no início da primavera, cambaleando pela casa embora estivesse gripada, agarrando-se em umbrais de portas quando achava que ninguém estava olhando, tomando cuidado para não tossir. Um ligeiro resfriado, disse ela quando Serena perguntou (ATWOOD, 2017, p.185).

O excerto anterior faz parte do capítulo vinte e cinco no qual Offred descreve alguns acontecimentos cotidianos da casa, dentre os quais estão as atividades de Serena Joy (a Esposa do Comandante a quem serve). Observamos que se trata de uma passagem que exemplifica os diferentes *locus* sociais ocupados pelas mulheres em Gilead. Essa diferença de *locus* social pode ser notada pelo fato de as mulheres que ocupam uma condição inferior terem um profundo medo de adoecer, não em razão do desconforto da doença, mas do que poderia acontecer caso algum superior descobrisse – elas poderiam ser consideradas inúteis para o estado e enviadas a campos de concentração. Assim, em Gilead adoecer se configura em um privilégio para aquelas mulheres que ocupam um *status* superior e uma desvantagem para aquelas que pertencem a um grupo de *status* inferior. A seguir, mais um exemplo das diferentes condições sociais que envolvem as mulheres:

Dobramos a esquina e entramos numa rua principal, onde há mais tráfego. Carros passam, a maioria deles pretos, alguns cinzentos e marrons. Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas do tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde, ordinários e feitos com pouco tecido, que são típicos das mulheres dos homens mais pobres. Econoesposas, é como são chamadas. Essas mulheres não estão divididas segundo funções a desempenhar. Elas têm que fazer de tudo; se puderem. Por vezes há uma mulher toda de preto, uma viúva. Costumava haver um número maior delas, mas parecem estar diminuindo. Você não vê as Esposas de Comandantes nas calçadas. Só em carros (ATWOOD, 2017, p.35).

O fragmento acima faz parte de uma passagem na qual Offred e Ofglen estão fazendo sua caminhada, Offred então começa a descrever o ambiente e as mulheres ali presentes. Essa descrição permite-nos observar algumas diferenças entre elas, por exemplo: as Econoesposas vestem uma roupa inferior em qualidade em relação às roupas das mulheres dos outros grupos, além disso suas roupas possuem a cor de todos os grupos, algo que funciona como uma símbolo de que elas acumulam as funções dos demais grupos. Ademais, todas as mulheres, exceto as Esposas dos Comandantes, estão andando, e como Offred descreve, “as Esposas sempre estão de carro quando saem às ruas”.

A descrição que o excerto traz não é apenas uma caracterização dos grupos, mas a elucidação das diferenças sociais entre essas mulheres, ou seja, a demonstração de que essas mulheres estão inseridas em práticas sociais diferentes, e ainda, que não estão submetidas aos mesmos níveis de subalternização. O fato das Econoesposas usarem vestes desgastadas e as Esposas dos Comandantes sempre estarem em carros, mostra que apesar de ambos os grupos estarem submetidos ao sistema patriarcal de Gilead, as Econoesposas ainda passam por

condições como a fome e a pobreza, situações pelas quais as Esposas dos Comandantes não passam. Nessa perspectiva, a narrativa ilustra que a subalternização feminina não é homogênea, tal como argumenta Spivak (2010).

No que diz respeito às Aias, estas também formam um grupo de *status* inferior. Além de não terem o direito de possuir bens materiais como as outras mulheres, elas não podem decidir sobre o seu próprio corpo, pois este lhes é alienado pelo Estado. As mulheres que ainda eram férteis eram obrigadas a se tornar aias e para isso passavam pelo centro de treinamento, onde eram submetidas a uma série de exercícios e discursos. Ademais, quando descumpriam alguma norma, eram duramente castigadas de forma física e emocional.

Esse treinamento era coordenado pelas Tias, espécies de doutrinadoras, que formam um grupo de *status* superior às Aias e, desse modo, possuem legitimidade para agir sobre elas. Assim, as Tias faziam parecer que a função de uma Aia era uma honra, algo de que elas deveriam se orgulhar, visto que elas eram responsáveis pelo futuro da nação, como pode ser observado pela lembrança de Offred de uma fala de Tia Lydia: “A sua é uma posição de honra, dizia ela” (ATWOOD, 2017, p.22). Notamos que os discursos de verdade funcionam não só para adequar as mulheres em determinadas funções mas, ao mesmo tempo, para legitimar as ações necessárias a essa adequação.

Após o treinamento, as Aias eram enviadas para servir na casa de algum Comandante, onde podiam permanecer por no máximo dois anos ou até gerarem uma criança, a qual não lhes pertencia, e sim ao Comandante e sua Esposa. Além disso, a Aia não podia permanecer com seu nome, por isso recebia o nome de seu Comandante acrescido da partícula *Of* – que em inglês indica posse; no caso de Offred, seu nome se traduz por “de Fred”. Quando se tornavam inférteis sem antes terem gerado uma criança, as Aias eram enviadas para os campos de concentração, uma vez que já não eram mais úteis ao Estado. A seguir, temos um fragmento que pertence ao capítulo em que Offred chega à casa na qual irá servir. Ela descreve as primeiras impressões do quarto que lhe é reservado:

Uma cadeira, uma cama, um abajur. Acima no teto branco, um ornamento em relevo na forma de uma coroa de flores, e no centro dele um espaço vazio, coberto de reboco, como o espaço em um rosto onde o olho foi tirado fora. Deve ter havido um lustre, antes. Eles tinham removido qualquer coisa em que você pudesse amarrar uma corda [...].

Na parede acima da cadeira, um quadro emoldurado mas sem vidro: uma estampa de flores, íris azuis, guache. Flores ainda são permitidas. Será que cada uma de nós tem a mesma estampa, a mesma cadeira, as mesmas cortinas brancas, eu gostaria de saber. Distribuídas pelo governo?

Pense nisso como servir ao exército, dizia Tia Lydia (ATWOOD, 2017, p.16).

O fragmento anterior é um perfeito exemplo de como a narrativa é construída por meio das técnicas do fluxo da consciência de forma que o leitor pode ter acesso tanto à história que está sendo contada, como também ao material psíquico da narradora-personagem. Observamos que a descrição que Offred faz do quarto é permeada pelas representações da sua consciência; a propósito, é a própria ação de descrever que faz com que a personagem tenha divagações em seus pensamentos, os quais são representados por meio da associação livre. A seguir, outro fragmento que pertence a mesma passagem anteriormente citada na qual Offred continua a descrever o quarto que ocupa:

Uma cama. De solteiro, colchão de dureza média, coberto por uma colcha aveludada branca. Nada acontece na cama senão o sono; ou a falta de sono. Tento não pensar demais. Como outras coisas agora, os pensamentos devem ser racionados. Há muita coisa em que não é produtivo pensar. Pensar pode prejudicar suas chances, e eu pretendo durar. Sei por que não há nenhum vidro, na frente do quadro de íris azuis, e por que a janela só se abre parcialmente e por que o vidro nela é inquebrável. Não é de fugas que eles têm medo. Não iríamos muito longe. São daquelas outras fugas, aquelas que você pode abrir em si mesma, se tiver um instrumento cortante. Muito bem. Exceto por esses detalhes, isso poderia ser um quarto de hóspedes de uma faculdade, para os visitantes menos importantes; ou um quarto de pensão, de tempos antigos, para senhoras em reduzidas condições de vida. Isso é o que somos agora. As condições de vida foram reduzidas; para aquelas dentre nós que ainda têm condições (ATWOOD, 2017, p.16).

Podemos observar, por intermédio desse exemplo, como o trauma pelo qual a personagem passou é recente, visto que a sugestão de suicídio é muito evidente e constante na representação dos seus pensamentos. Os dois fragmentos anteriores fazem parte da mesma cena, neles a personagem cogita em dois momentos a ideia do suicídio – o primeiro quando ela menciona o lustre que foi retirado porque poderia ser usado por alguma Aia amarrar uma corda e se enforcar, e o segundo quando ela fala das janelas e dos objetos de vidro que foram retirados porque poderiam ser usados para fazer algum corte.

Também é possível compreender que o ocorrido em Gilead foi uma mudança de regime, ou seja, uma alteração nas relações de poder, pois quando Offred diz que aquele quarto “poderia ser um quarto de hóspedes de uma faculdade”, podemos inferir que as estruturadas físicas em Gilead pouco se modificaram, uma evidência de que as estruturas do poder estão no campo do discurso os quais se materializam nos indivíduos por intermédio das relações de poder.

Além disso, Offred, por meio do emprego da associação livre, relaciona as condições do quarto às reduzidas condições de vida das mulheres em Gilead. Dessa forma, Offred,

mesmo vivendo em uma condição precária, ainda pensa naquelas que estão em situação pior que ela, algo que não observamos em personagens como as Esposas ou as Tias. Assim, a narradora faz uma alusão às Não-mulheres ao dizer: “para aquelas dentre nós que ainda têm condições”. As Não-mulheres, por não se adequarem a nenhuma função dos demais grupos – como administrar uma casa, procriar, limpar, cozinhar, não são consideradas mulheres e vivem em campos de concentração, expostas a radiação e a condições desumanas de sobrevivência. Tal fato é mais uma ilustração da não homogeneização da subalternização feminina.

Desse modo, as mulheres que não se encaixam na definição do feminino em Gilead são excluídas dessa sociedade. Como anteriormente discutido, a definição categórica do feminino é um resultado dos discursos de verdade, os quais são necessários para a manutenção das relações de poder na sociedade. Nessa acepção, Millett (2000, p.24) afirma que “[...] sexo é uma categoria de *status* com implicações políticas”⁵. Nesse sentido, os indivíduos são julgados, condenados, classificados, submetidos a desempenhar determinado comportamento em função desses discursos que trazem consigo efeitos específicos de poder.

Em decorrência do sistema opressor e desigual de Gilead, existe entre as mulheres um clima de vigilância e rivalidade, não há entre elas um sentimento de pertencimento a um grupo maior – no caso, o sexo feminino. Essa situação pode ser observada, principalmente, por meio do comportamento das outras mulheres com relação às Aias. Esse grupo, em razão da função que exercem e de como a exercem, é menosprezado pela maioria das mulheres dos outros grupos. O excerto a seguir ilustra essa questão:

Rita me vê e acena com a cabeça, embora seja difícil dizer se é um cumprimento ou um simples reconhecimento de minha presença, e limpa as mãos cheias de farinha no avental e vai revirar a gaveta da cozinha em busca do talão de vales de alimentos. Franzindo o cenho, arranca três vales e os estende para mim. O rosto dela poderia ser gentil se ela sorrisse. Mas o cenho franzido não é nada pessoal contra mim: é o vestido vermelho que ela desaprova, e o que ele representa. Ela acha que pode ser contagioso, como uma doença ou algum tipo de má sorte.

Por vezes fico escutando do lado de fora de portas fechadas, algo que nunca teria feito no tempo de antes. Não escuto por muito tempo, porque não quero ser apanhada fazendo isso. Mas certa vez ouvi Rita dizer para Cora que não se rebaixaria dessa maneira.

Ninguém está lhe pedindo que o faça, retrucou Cora. De qualquer maneira, o que você poderia fazer, se acontecesse?

Ir para as Colônias, respondeu Rita. Elas têm essa escolha.

Como as Não mulheres, e morrer de fome e Deus sabe o que mais?, disse Cora. Agora te peguei [...].

⁵ Do original em inglês: “sex is a status category with political implications”.

De qualquer maneira, elas estão fazendo isso por todos nós, disse Cora, ou pelo menos é o que dizem. Se eu não tivesse ligado as trompas, poderia ter sido eu, digamos, se fosse dez anos mais moça. Afinal, não é assim tão ruim. Não é o que se considera trabalho pesado (ATWOOD, 2017, p.18-19).

Na passagem, Rita (uma Martha) entrega para Offred vales para que ela compre alimentos, essa é uma atividade diária de Offred – ir ao mercado comprar alimentos, essa é sua caminhada habitual. Podemos observar pela narrativa de Offred que Rita a trata com desprezo. Entretanto, Offred reconhece que esse desprezo não é pessoal, mas em decorrência da sua função de Aia. Além disso, por meio do diálogo entre Rita e Cora, percebemos que, ainda que Cora parecesse defender as Aias, ela deprecia a função delas e julga que sua tarefa não é tão difícil.

Como a função das aias é gerar filhos para as famílias dos Comandantes, elas necessitam, portanto, terem relações sexuais com o Comandante a que servem. Todavia, não se trata de uma relação sexual comum, trata-se de um ritual realizado uma vez por mês, no qual todos da casa se reúnem na sala, a Aia fica de Joelhos sob os pés da Esposa, de modo que a Esposa fica em uma posição superior a dela. O Comandante então lê uma passagem da Bíblia e pede êxito na atividade que irá realizar, a Esposa e a Aia vão para o quarto principal, a esposa se senta na cama e a Aia, que está com suas roupas habituais, se deita com as costas encostadas na barriga da Esposa, abre as pernas e a Esposa segura suas mãos. Em seguida, o Comandante entra no cômodo, penetra a Aia e após o coito se retira do quarto, a Aia se levanta e segue para seu quarto.

Trata-se de uma relação extremamente humilhante para ambas as mulheres, e é em razão dessa atividade que as Aias são depreciadas porque, em um sentido pragmático, as outras mulheres apenas julgam que elas estão tendo relações sexuais com o marido de alguém. As Esposas são as que mais hostilizam as Aias: ao mesmo tempo em que elas enxergam as Aias como servas, também as veem como rivais. Offred tem consciência dessa situação:

Mas invejo a Esposa do Comandante por seu tricô. É bom ter pequenas metas que podem ser facilmente alcançadas.

O que ela inveja de mim?

Ela não fala comigo, a menos que não possa evitar. Sou uma vergonha para ela; e uma necessidade.

Como podemos observar, a Esposa do Comandante exerce uma posição superior à da Aia; enquanto a Esposa pode ter “metas” – ainda que pequenas e cotidianas –, a Aia não é dona nem mesmo de seu corpo que lhe é alienado. A tensão entre elas é ainda maior porque além de serva e rival, a Aia é a única esperança de alcançar a maternidade e o êxito familiar.

Nesse sentido, a Aia é uma “vergonha” para a Esposa, pois significa que esta não pode mais procriar, ao mesmo tempo é uma “necessidade” porque as famílias que têm filhos possuem maiores privilégios.

Por meio das análises, podemos observar que a narrativa ilustra o pensamento de Foucault (1979) sobre as relações de poder, que são os modos de ação de uns sobre os outros. Percebemos que não só os homens agem sobre as mulheres, mas também as mulheres agem umas sobre as outras. Desse modo, as mulheres não estão em uma situação de igualdade, não sofrem a mesma dominação e é por isso que não podemos pensar em uma universalização da mulher, porque isso silenciaria mais ainda as que estão envolvidas em uma dupla, ou até mesmo tripla subalternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado sobre *O conto do Aia* nos permitiu conhecer a complexidade de uma ficção que associa questões psicológicas e questões sociais como dois caminhos que se inter cruzam na formação da identidade das personagens. A obra traz a representação da mente da personagem principal sem dissociá-la dos acontecimentos externos, mas mostrando que a identidade psíquica da personagem é um constructo das problemáticas sociais que a envolviam.

Nesse sentido, o estudo das técnicas do fluxo da consciência foram fundamentais para a compreensão das representações da mente de Offred que se apresentava com uma identidade psíquica fragmentada em decorrência dos traumas por ela sofridos. Contudo, esse processo só foi possível de ser compreendido porque o estudo dessas técnicas nos possibilitou o entendimento da utilização dos mecanismos de digressão e repressão psicológica que a personagem apresentava. Sem esse estudo prévio não teríamos compreendido a complexidade desses processos psicológicos e ainda, a origem deles a qual é oriunda de fatores externos, pois, sendo a literatura uma representação da realidade, é impossível compreender o sujeito dissociado dos fatores sociais.

Assim, foi possível compreender que os danos psicológicos de Offred eram o resultado dos traumas que ela vivenciou em Gilead. Traumas produzidos por uma sociedade estruturada em relações de poder, onde os direitos das mulheres foram cerceados ao extremo e o uso da violência era legitimado. Nesse sentido, o estudo das relações de poder a partir da teoria Foucaultiana nos possibilitou a compreensão da estrutura social de Gilead. Em *O conto da aia* é possível perceber, por meio das relações estabelecidas entre os personagens, como o poder é exercido em cadeia, de forma difusa e sistemática: cada personagem, independente do *status* que ocupa, exerce, portanto, uma parcela desse poder. Contudo, a narrativa evidencia que, em uma sociedade patriarcal, a parcela de poder exercida pela classe masculina não é questionada, e sim, naturalizada

Assim, para a manutenção dessas relações era necessário a circulação dos discursos de verdade, os quais adequavam as pessoas em determinadas funções. Nesses termos, podemos destacar que da mesma forma como os discursos de verdade são construídos para fazer as Tias acreditarem na necessidade do seu trabalho e as Aias aceitarem e honrarem a sua função – a fim do bom funcionamento do governo –, eles também são utilizados para justificar a exclusão das Não-mulheres.

Além disso, o entendimento do funcionamento das relações de poder nos permitiu visualizar que em Gilead as mulheres, de acordo com sua posição social, exerciam poder umas sobre as outras. Logo, foi necessário buscar elucidações que nos permitiram compreender que as mulheres não são igualmente afetadas pela dominação masculina e, em decorrência disso, não podemos supor a existência de uma homogeneização feminina. Dessa forma, *O conto da Aia* possibilita ao leitor refletir sobre as estruturas sociais e como estas são determinadas por relações de poder e, com isso, o entendimento de que por meio dessas relações a classe dominante – homens, regidos por interesses econômicos e políticos – instituem as posições e direitos das mulheres.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. *O conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. *In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento*, v.2, 2005. p.4-10.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução Roberto Machado. 22 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In: DREYFUS, H.; RABI NOW, P. Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. 3 ed. *In: Manoel Barros da Motta (Org.). Ditos e Escritos*. v. 4. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. *In: SALOMÃO, J. (Org). Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v 12. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*, São Paulo, n.53, p.166-182, março/maio 2002.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Revista Anuário de Literatura*, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, Jul. 2013.

HIRANO, Sedi. *Castas, estamentos e classes sociais: introdução ao pensamento de Marx e Weber*. 2 ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1975.

HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência: um estudo sobre James Joyce, Virgínia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros*. Tradução Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *In*: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MILLETT, Kate. *Sexual politics*. New York: Columbia University Press, 2000.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

STAINES, David. Margaret Atwood in her Canadian Context. *In*: HOWELLS, Coral Ann. *The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.